

O USO DA CONCORDÂNCIA NOMINAL DE NÚMERO NA LÍNGUA FALADA DA VARIEDADE ANGOLANA E BRASILEIRA DO PORTUGUÊS

Cícero Kleandro Bezerra da Silva¹

Cláudia Roberta Tavares Silva²

RESUMO

Sob a luz da Sociolinguística Variacionista, o presente trabalho discute resultados do fenômeno da Concordância Nominal de Número (doravante CN), encontrados entre a variedade do Português Brasileiro (doravante PB) e o Português de Angola (doravante PA), visando contribuir para o entendimento dos padrões de CN encontrados nessas variedades no que concerne ao uso da variante padrão (ex.: as casas) e não-padrão (ex.: as casa). Objetivamos: (i) descrever os padrões de CN encontrados no PB e no PA; (ii) analisar a possível influência de fatores linguísticos e extralinguísticos no uso da variante padrão e não-padrão, e (iii) comparar o comportamento linguístico dos informantes belo Jardimenses, Luandenses e moradores de Rio das Contas, levando em conta o fato de o português ser L1 no Brasil e L2 em Angola. No caso de Angola, línguas do tronco banto são as L1 dos falantes e nelas a morfologia de número (singular/ plural) é especificada em prefixos de classes nominais (PETTER, 2009), o que tende a interferir no português adquirido como L2 no sentido de o plural ser marcado apenas no primeiro elemento do sintagma (ex: as casa) quando observados, sobretudo, a fala de pessoas com pouca ou nenhuma escolarização. Mota, Miguel e Mendes (2012) consideram que o nível de escolaridade de falantes de variedades não-europeias do português tem implicações para um uso mais próximo ou afastado da variedade europeia do português. Nos resultados encontrados entre ambas as pesquisas no PB e PA, podemos dizer que a regra é variável em ambas as variedades.

Palavras-chave: Variedade do português, Concordância nominal, Língua falada.

INTRODUÇÃO

Com base nos fundamentos da Sociolinguística Variacionista, dentre os quais está a heterogeneidade da língua, o presente estudo considera que a variação é inerente a toda língua (cf. LABOV, 2008 [1972]). Sendo assim, objetivamos estudar o fenômeno variável da concordância nominal (CN) de número na fala de informantes brasileiros e angolanos, cuja estratificação social será apresentada na metodologia. Exemplos dessa variação (em que há a

¹ Doutorando em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, kleandrocic@hotmail.com.

² Doutora em Linguística e Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, claudiarobertats@gmail.com.

co-ocorrência da variante padrão com a não-padrão) extraídos do *corpus* deste estudo são apresentados a seguir:

Português Brasileiro (PB):

(1) a. Eu tinha oito meses.

b. Eu quase num participava das coisa não porque eu cuidava do meus avó que era velhinho.

Português Angolano (PA):

(2) a. Então lhes metemos nos azulinhos da polícia.

b. Eu falo o Umbundu com quem, quer dizer, com meus amigos do próprios.

É sabido que o fenômeno da CN de número na fala é bastante abordado nos estudos do português brasileiro (doravante PB) apresentando uma vasta literatura, dentre os quais podem ser citados os estudos de: Scherre (1988), Dias (1993), Fernandes (1996), Carvalho (1997), Lopes (2001), Andrade (2003), Martins (2010) e Martins (2013). Geralmente esses estudos corroboram que a regra é variável no PB.

Em relação ao fenômeno da CN no português africano (doravante PA), são poucas as referências que podem ser aqui apresentadas (PETTER, 2009; ADRIANO, 2014; INVERNO, 2004; FIGUEIREDO, 2010; BRANDÃO; VIEIRA, 2012; OLIVEIRA; SOLEDADE; SANTOS, 2009; NZAU; VENÂNCIO; SARDINHA, 2013; JON-AND, 2010; GONÇALVES, 2015; OLIVEIRA; BAILO; INJAI, 2013; GONÇALVES, 2012; LUCCHESI; BAXTER; RIBEIRO, 2009; LUCCHESI, 2012) constituindo-se o presente estudo em mais uma contribuição para o estudo da CN no PA.

Em seu artigo sobre a CN em diferentes variedades africanas do português, Sedrins e Silva (2017) observam que, dos cinco países africanos onde a língua portuguesa é oficial: Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe; apenas Angola possui uma regra variável com 92% de marcação, ao passo que os demais possuem uma regra semicategórica, que vai de 95% a 97%, seguindo a proposta de Labov (2003) para a tripartição das regras linguísticas.

Vale referir ainda que a variação linguística não ocorre de forma aleatória, mas é influenciada por fatores de ordem linguística e extralinguística. Considerando que há uma

correlação dos aspectos linguísticos e sociais, haverá uma comparação dos resultados entre o PB e o PA, observando contrastes e/ou semelhanças entre elas sobre quais fatores seriam condicionadores da ausência de concordância, atentando para o comportamento linguístico dos informantes selecionados. Para tanto, na próxima seção, serão apresentados os procedimentos metodológicos; posteriormente, são apresentados e discutidos os resultados dessa comparação e, por fim, são apresentadas as considerações finais.

METODOLOGIA

Haja vista que os dados da pesquisa de Silva (2017) e de Lemos (2014) foram obtidos de maneiras diferentes, é necessário apresentarmos como foi realizado cada um desses estudos.

A pesquisa de Lemos (2014)

No trabalho de Lemos (2014), os dados foram obtidos da seguinte maneira: para o PA, foram produzidos por informantes de Luanda e constam no Banco de Dados do *Projeto Em Busca das Raízes do Português Brasileiro* coordenado pela professora Eliana Pitombo Teixeira, do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), enquanto para o PB, foram produzidos por informantes da comunidade de Mato Grosso localizada no município baiano Rio das Contas, cujos dados foram extraídos do Projeto A Língua Portuguesa no Semi-Árido Baiano, coordenado pelas professoras Zenaide Carneiro e Norma Lucia de Almeida, do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Feira de Santana.

Sobre o uso do português em Luanda, Lemos (2014, p. 92) tece o seguinte comentário:

A população, majoritariamente concentrada nas maiores cidades costeiras, tem como língua materna uma ou mais das 40 línguas banto existentes no país. Sendo assim, língua portuguesa em Angola, na maioria das vezes, restringe-se a língua veicular, língua da administração, comunicação social e ensino, a identidade nacional é preenchida pelas línguas africanas [...].

Diante disso, percebemos que o PA tem um papel mais formal no contexto de mercado de trabalho, sendo assim a expectativa é que aqueles que estão mais inseridos no meio de trabalho mais formal usem mais a variante de prestígio.

Ademais, a autora menciona que Luanda é uma das cidades mais populosas, constituindo-se na capital do país que possui 18 províncias. Trata-se, portanto, de um grande

centro urbano e costeiro no país, no qual se concentrou a maior parte da população oriunda de todas as zonas do país. Esse país tornou-se um grande ponto de contato linguístico entre portugueses e africanos na época da escravidão principalmente com os seus navios negreiros.

Quanto à comunidade brasileira e baiana de Mato Grosso, está inserida no semiárido brasileiro, que se caracteriza pela escassez de chuvas. Essa comunidade sobrevive de atividades econômicas ligadas principalmente à agricultura e pecuária e sua escolha para o estudo deu-se em decorrência do contato linguístico existente, visto que, de acordo Lemos (2014), a população dessa comunidade é quase totalmente constituída por brancos descendentes de portugueses, que chegaram à Bahia no final do século XVII e início do século XVIII, vindos em geral da cidade portuguesa de Mafra.

Na Figura 1, apresentamos um quadro de como foram estratificados os informantes selecionados por Lemos (2014):

Figura 1 – Estratificação dos informantes do PA e do PB

AMOSTRAS DO PORTUGUÊS POPULAR DO BRASIL					AMOSTRAS DO PORTUGUÊS POPULAR DE ANGOLA			
	Nome	Sexo	Escolaridade	Faixa Etária ⁺	Nome	Sexo	Escolaridade	Origem
1	J.A.M	M	Fund. incompleto	I	J. J.	M	Fund. incompleto	Luanda
2	N.	M	Fund. incompleto	I	S.	M	Fund. incompleto	Luanda
3	J.J.S.	M	Analfabeto	II	S.D.M.	M	Fund. incompleto	Luanda
4	G. G. L.	M	Analfabeto	II	D. C.	M	Analfabeto	Outra
5	J. M.	M	Fund. incompleto	III	T.	M	Fund. incompleto	Outra
6	F. S.	M	Fund. incompleto	III	F.A.S	M	Fund. incompleto	Outra
7	S. A. S.	F	Fund. incompleto	I	A.E	F	Fund. incompleto	Luanda
8	M. F. S.	F	Fund. incompleto	I	M.M.	F	Fund. incompleto	Luanda
9	M.D.	F	Analfabeta	II	J.	F	Analfabeta	Luanda
10	A. C. S.	F	Fund. incompleto	II	P. A. B.	F	Fund. incompleto	Outra
11	A.O. M	F	Analfabeta	III	A.V.N	F	Fund. incompleto	Outra
12	I.S.L.	F	Analfabeta	III	T. M. N.	F	Fund. incompleto	Outra

Fonte: Lemos (2014, p. 96).

Com base no quadro acima, foram selecionados 24 informantes, sendo 12 luandenses e 12 brasileiros com nível máximo de escolaridade até a 5ª série e possuindo faixa etária entre 15 e 76 anos.

A recolha dos dados em ambas as variedades, deu-se por meio da gravação das chamadas entrevistas Diálogo entre Informante e Documentador (DID), com duração de 30 a 60 minutos. Esses dados foram submetidos a tratamento quantitativo por meio de sua rodada no programa Goldvarb X que aponta para o nível de significância dos grupos de fatores

relevantes para a compreensão do fenômeno da CN. Para tanto as variáveis linguísticas selecionadas apenas para o PB foram: *número de constituintes flexionáveis do SN*; *saliência fônica*. Já as variáveis extralinguísticas foram: *gênero*; *faixa etária*; enquanto para o PA foram: *origem*; *gênero*.

A pesquisa de Silva (2017)

A cidade pernambucana selecionada para esta pesquisa foi Belo Jardim, situada no Agreste do referido estado e contando com uma média de 75.000 habitantes. Apesar de ser vista como uma cidade pequena em relação a outras do mesmo estado, possui indústrias, várias instituições de ensino, dentre as quais estão as de curso superior, sejam públicas ou privadas, e possui uma grande diversidade cultural e religiosa. Embora não tendo a história de contato linguístico como a comunidade de Mato Grosso analisada por Lemos (2014), Silva (2017) seleciona a cidade de Belo Jardim por verificar que não haviam estudos sociolinguísticos sobre a CN, caracterizando-se a pesquisa, na época, como inovadora no estado de Pernambuco.

Em sua pesquisa, Silva (2017) realizou a coleta dos dados em escolas públicas e particulares da cidade, totalizando 144 alunos entrevistados. Os anos escolares selecionados foram o 4º, o 6º e o 9º Ano do Fundamental; o 1º e o 3º do Médio, sendo 12 informantes por turma, sendo 6 do sexo feminino e 6 do sexo masculino, com exceção de uma turma do 6º ano da escola particular. A faixa etária dos alunos vai de 10 a mais de 18 anos de idade, sendo os mais velhos alunos do 3º Ano do Médio.

Ao contrário da pesquisa de Lemos (2014), os dados foram diretamente recolhidos por Silva (2017) nas escolas, sendo observados estes procedimentos: a) submissão do projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade (44653815.8.0000.5208); b) visita às escolas e seleção das turmas; c) Autorização dos responsáveis legais por meio do termo de consentimento; d) preenchimento de ficha social; e) entrevistas informais, através do uso de um *smartphone*, com duração mínima de 15 minutos, e f) produção de uma narrativa escrita, visando a uma comparação posterior entre os dados de fala e de escrita dos mesmos informantes. Para este trabalho, nossa atenção se volta apenas para os dados produzidos na língua falada. Esses dados foram devidamente transcritos e codificados para a rodada no programa Goldvarb X, através do qual obtivemos os percentuais e os pesos relativos.

Para a realização da análise, foram selecionadas as seguintes variáveis linguísticas: *classe gramatical*, *marcas precedentes*, *posição linear do elemento no SN* e *saliência fônica na*

dimensão processos de formação morfofonológica, e as variáveis extralinguísticas foram: faixa etária, sexo, tipo de escola e escolaridade.

A fim de efeitos comparativos entre a pesquisa de Silva (2017) e a de Lemos (2014), a variável dependente é composta da variante padrão e da variante não-padrão, as variáveis linguísticas são: número de constituintes pluralizáveis no SN, posição linear do elemento no SN e saliência fônica, e as variáveis extralinguísticas são: sexo e faixa etária.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para darmos início a essa discussão, analisaremos os resultados obtidos para a variável dependente por Lemos (2014) e Silva (2017). Em seu estudo, Lemos (2014, p. 102) apresenta-nos o seguinte:

Tabela 1 – Resultados da CN+/ CN- em Lemos (2014)

Concordância de número no SN	PB	%	PA	%
CN+	250/933	26,8%	164/620	26,5%
CN-	683/933	73,2%	456/620	73,5%

Fonte: Lemos (2014).

A autora esclarece que, nas amostras analisadas, foram identificados três contextos em que a marca explícita de plural pode ser encontrada:

(i) Todos os elementos flexionáveis do SN:

(3) Não aprendem muito devido *às novelas*.

(ii) Em alguns elementos flexionáveis do SN:

(4) Eu sempre gosto de escutar *umas boas músicas*.

(iii) Em apenas um dos elementos flexionáveis do SN:



(5) *As amizades* ali foi ótima. (LEMOS, 2014, p. 101)

Para os casos de não-realização da CN, a autora nos apresenta os exemplos do PB e do PA, a seguir:

PB

(6) Vendeu *as terrinha* que nós tinha tudo.

(7) Esperar *os cardeirãozinho* de comida de comida doz'outo, de sogro, de sogra em casa, é chato.

PA

(8) Tem *uns bichinho* que eles fala que é minhoca.

(9) *aqueles bichinho* como um micróbio então aquilo cavamos *nos gimbo*.

(LEMOS, 2014, p. 108-109)

Conforme é observado, há uma grande semelhança entre as variedades do PB e do PA, que demonstram segundo a autora, uma tendência ao valor negativo na pluralização do sintagma nominal em relação ao valor positivo, ou seja, há mais uma tendência de cancelamento de que marcação.

A principal causa para essa baixa realização da CN seria o baixo nível de escolaridade da população luandense, comentado pela autora, também segundo a autora, a população não tem um grande índice de acesso à leitura e à escrita, principalmente as mulheres. Tais questões poderiam motivar o cancelamento de marcas dos informantes.

Por sua vez, os resultados quantitativos obtidos por Silva (2017) revelam que há um baixo percentual (28%) de concordância nominal nos dados da língua falada:

Tabela 2 – Resultados da CN+/ CN- na língua falada em Silva (2017)

Concordância de número no	Ocorrências/Total	%
SN		
CN+	14246/10210	28%
CN-	14246/4036	72%

Fonte: Silva (2017).

Observe-se a co-ocorrência da variante padrão com a variante não-padrão em Silva (2017, p. 73):

(10) *as notícias*

(11) *das criança*

Diante dos resultados expostos, fica explícito que a regra de concordância nominal é variável em ambas as pesquisas nas variedades do português estudadas, mas o cancelamento de marcas de plural no interior do sintagma é bem maior no PB e no PA analisados por Lemos (2014).

Em sua dissertação, Lemos (2014) deixa claro que a realidade linguística e social de Luanda e Brasil são bem diferentes. Sendo assim, acredita-se que pelo contato linguístico com as línguas banto, exista uma maior tendência para o cancelamento das marcas, como também pelos motivos anteriormente expostos nos parágrafos acima.

Variáveis linguísticas

A respeito das variáveis independentes, o GoldVarb X selecionou, em sua melhor rodada, a variável *número de constituintes flexionáveis do SN* analisada por Lemos (2014) para o PB. Observem-se os percentuais e os pesos relativos na tabela abaixo:

Tabela 3 – Percentual e peso relativo referentes à variável *número de constituintes flexionáveis do SN*

<i>Número de Constituintes Flexionáveis do SN</i>	Frequência	%	Peso Relativo
<i>SN com 1 item flexionável</i>	87/277	31,4	.61
<i>SN com 2 itens flexionáveis</i>	158/612	25,8	.47
<i>SN com 3 ou mais itens flexionáveis</i>	5/44	11,4	.24

Fonte: Lemos (2014, p. 123).

Ao obter tais resultados, a autora considera que quanto maior o número de elementos flexionáveis no SN, menos pluralização haverá, ou seja, quanto mais adiante do sintagma houver elementos, menos serão pluralizados. A autora acredita que isso ocorra pelo fato de em termos de processamento, ser mais simples a flexão de sintagmas que estão em menor escala.

Embora Silva (2017) não tenha adotado a variável acima, foi realizada uma análise sobre a *posição linear do elemento no SN* que visa compreender como a presença ou ausência de

marcas de pluralidade podem ser entendidas no interior do SN a partir da posição ocupada pelos constituintes que o integram. Observemos os resultados a seguir:

Tabela 4 – Percentual de uso da variante padrão e não-padrão relativo à variável *Posição dos elementos no SN*

<i>Posição do Elemento no SN</i>	CN+	CN-	Ocorrências
<i>1ª posição</i>	72%	28%	6845/4929
<i>2ª posição</i>	72%	28%	6996/ 4991
<i>3ª posição</i>	71%	29%	403/290

Fonte: Silva (2017, p. 72).

Os resultados de Silva (2017) mostram uma equiparação percentual entre os três fatores (todos apresentam um semelhante e alto percentual de aplicação da regra de CN), uma situação que vai de encontro aos resultados de Scherre (1988), Dias (1993), Carvalho (1997), Lopes (2001) e Andrade (2003) que apontam que o 1º elemento no SN é o mais pluralizado e, quanto mais há o distanciamento dessa posição, maior a tendência de o constituinte não carregar marcas de plural.

A respeito da variável *saliência fônica*, Lemos (2014) observa que, quanto maior a diferença fônica no PB entre o singular e o plural, maior será a chance de uso da variante padrão. Para o PA, essa variável não foi selecionada. Seguem os resultados no trabalho de Lemos (2014) para essa variável no quadro abaixo:

Tabela 5 – Frequência e peso relativo da variante padrão com base na variável *Saliência fônica*

<i>Saliência fônica</i>	Frequência	%	Peso Relativo
<i>SN apenas com itens regulares</i> “Assisti muitos filmes”	166/ 679	24,4	.46
<i>SN contendo itens que apresentam diferenciação fônica quando pluralizados</i> “Ela tinha oito meses”	84/254	33,1	.58

Fonte: Lemos (2014, p. 125).

À semelhança de Lemos (2014), Silva (2017) verifica que nomes [+salientes] tendem a favorecer mais o uso da variante padrão, conforme mostra o quadro a seguir:

Tabela 6 – Percentual e peso relativo da variante padrão com base na variável *Saliência fônica*

Saliência fônica	Fator/ Ocorrência CN+	Peso Relativo	Percentual CN+
<i>Itens terminados em -R (professor-professores)</i>	390/380	.78	97%
<i>Itens terminados em -L (animal-animais)</i>	298/289	.73	97%
<i>Itens terminados em vogal +vogal com inserção de -S (plural regular), (hora-horas)</i>	10834/8801	.48	81%
<i>Itens terminados em -Z (vez- vezes)</i>	159/146	.46	92%
<i>Itens terminados em -M (bom-bons)</i>	213/157	.21	74%

Fonte: Silva (2017, p. 73-74).

Ambas as pesquisas, portanto, seguem na direção da proposta de Naro e Lemle (1976) ao tratarem do princípio da saliência fônica: itens que apresentam diferenciação fônica, apresentam mais marcações que os regulares, ou seja, quanto mais matéria fônica, mais pluralidade haverá. Outros estudos seguem a mesma direção, tais como: Carvalho (1997); Lopes (2001) e Andrade (2003).

Variáveis extralinguísticas

Tanto na pesquisa de Silva (2017) quanto na de Lemos (2014), informantes do sexo feminino no PB tendem a aplicar mais a regra de CN de número do que os homens, embora na pesquisa de Silva (2017), esse resultado tenha ficado ao nível de neutralidade. Lemos (2014) justifica o favorecimento no resultado para o sexo feminino, pelo fato dos homens estarem mais inseridos no mercado de trabalho formal, que os conduzem a utilizar mais a variante de prestígio.

O resultado obtido por Silva (2017) corrobora com os de Scherre (1988) e Lopes (2001, 2014), os quais apontam mais aplicação da CN pelas informantes do sexo feminino. Seguem abaixo os resultados de ambos os pesquisadores para essa variável:

Tabela 7 – Percentual e peso relativo à variante padrão com base na variável *Sexo*

<i>Pesquisa</i>	<i>Sexo</i>	Frequência	%	Peso Relativo
Lemos (2014)	<i>Masculino (PB)</i>	47/421	11,2	.28
	<i>Feminino (PB)</i>	203/512	39,6	.68
	<i>Masculino (PA)</i>	95/274	34,7	.63
	<i>Feminino (PA)</i>	69/346	19,9	.39
Silva (2017)	<i>Masculino</i>	6142/4124	67,0	.43
	<i>Feminino</i>	8104/6086	75,0	.55

Fontes: Lemos (2014) e Silva (2017).

Se observarmos os resultados para o PA, o sexo masculino tende a favorecer a variante padrão, estando o peso relativo acima do nível de neutralidade (.63) o percentual também maior (34,7%). Lemos (2014) explica esse resultado com base no fato de, em Angola, especificamente em Luanda, os homens terem um maior grau de integração social. Conseqüentemente, fazem mais uso da variante de prestígio por estarem em maior contato com padrões linguísticos normatizadores.

Centrando agora nossa atenção na variável *Faixa Etária*, é importante dizer a que compreende cada faixa etária estudada por Lemos (2014) e Silva (2017). Na primeira pesquisa, a faixa I corresponde aos informantes que possuem até 30 anos, a faixa II, aos que possuem entre 31 a 60 anos e a faixa III, aos que têm a partir de 61 anos de idade; já, na segunda pesquisa, a faixa I corresponde aos estudantes que possuem entre 9 a 11 anos, a faixa II, aos que possuem entre 12 e 17 anos e a faixa III, aos que possuem entre 16 a 23 anos. Com base nessas faixas etárias, vejam-se os percentuais e os pesos relativos referentes ao uso da variante padrão no PB:



Tabela 8 – Percentual e peso relativo da variante padrão com base na variável *Faixa Etária*

<i>Pesquisa</i>	<i>Faixa etária</i>	<i>frequência</i>	<i>%</i>	<i>Peso Relativo</i>
Lemos (2014)	<i>Faixa I</i>	177/410	43,2	70
	<i>Faixa II</i>	42/347	12,1	31
	<i>Faixa III</i>	31/176	17,6	38
Silva (2017)	<i>Faixa I</i>	3961/2957	75%	71
	<i>Faixa II</i>	9261/6534	72%	43
	<i>Faixa III</i>	1024/719	70%	26

Fontes: Lemos (2014) e Silva (2017).

Diante dos resultados acima, verificamos que, nos dois estudos, são os informantes mais novos que favorecem o uso da CN de número. Segundo Lemos (2014), a comunidade de Mato Grosso está passando por um processo de mudança em curso, ou seja, essa observação seria sobre o PB.

Lemos (2014) explica que esse fenômeno de mudança estaria ocorrendo com a aquisição pelos mais novos de regras de CN, pelo fato de ter passado pelo processo de contato linguístico, entre o português europeu e as línguas africanas, cujos legados morfológicos e lexicais são percebidos até os dias atuais, concebe-se então que os informantes da comunidade de Mato Grosso não costumavam marcar com mais intensidade os elementos no sintagma, devido às influências das línguas africanas, mas que as gerações mais novas estão inovando esse uso linguístico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise desenvolvida e, tomando por base os três tipos de regras propostos por Labov (2003), a saber: categórica, semicategórica e variável, observa-se que, no PB e no PA, a regra de CN de número é variável.

Ademais, a partir das variáveis selecionadas para o estudo, observam-se similaridades entre os resultados de Lemos (2014) e Silva (2017), pois nomes [+salientes) e a faixa etária I são fatores que favorecem o uso da variante padrão. No entanto, no que se refere à variável extralinguística sexo, uma assimetria é percebida entre o PB e o PA: na primeira, o sexo feminino favorece o uso dessa variante, ao passo que, na segunda, é o sexo masculino.

Em linhas gerais, este estudo buscou contribuir com pesquisas que vêm sendo realizadas sob o enfoque contrastivo entre variedades não-europeias do português, evidenciando que não se pode ter uma visão globalizante dessas variedades, haja vista que, em cada país onde se fala português, existe uma sócio-história que lhe é peculiar e que pode interferir no comportamento linguístico dos falantes.

REFERÊNCIAS

ADRIANO, P. S. **Tratamento morfossintático de expressão e estruturas fráicas do português em Angola: divergências em relação à norma europeia**. 2014. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Évora, Évora, 2014.

ANDRADE, L. M. **Rupturas e contínuos na concordância nominal de número em textos orais de informantes de Tubarão (SC) e São Borja (RS)**. 2003. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2003.

BRANDÃO, S. F.; VIEIRA, S. R. Concordância nominal e verbal: contribuições para o debate sobre o estatuto da variação em três variedades urbanas do português. *Alfa*, São Paulo, v. 53, n. 3, p. 1035-1064, 2012.

CARVALHO, R. C. **Concordância de número no sintagma nominal, na fala urbana de Rio Branco**. 1997. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

DIAS, M. C. A. C. **A variação da concordância nominal, um contraste entre o urbano e o rural na fala brasiliense**. 1993. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 1993.

FERNANDES, M. **Concordância nominal na Região Sul**. 1996. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.

FIGUEIREDO, C. F. G. **A concordância plural variável no sintagma nominal do português reestruturado da comunidade de Almojarife, São Tomé**: Desenvolvimento das regras de concordância variáveis no processo de transmissão-aquisição geracional. 2010. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Macau, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Macau, 2010.

GONÇALVES, P. Mudança linguística e variação no português de São Tomé. *In: Colóquio Internacional São Tomé e Príncipe numa perspectiva interdisciplinar, diacrónica e sincrónica*, 2012, Lisboa. *Actas [...]*. Lisboa: Instituto Universitário de Lisboa, 2012. p. 413-430.

GONÇALVES, P. Aspectos morfossintáticos da gramática do português de Moçambique: a concordância nominal e verbal. *Cuadernos de la ALFAL*, n. 7, p. 9-16, 2015.

INVERNO, L. Português vernáculo do Brasil e português vernáculo de Angola: reestruturação parcial vs. mudança linguística. *In: FERNÁNDEZ, M.; FERNÁNDEZ-*

FERREIRO; VEIGA, N. V. **Los Criollos de base ibérica**. Madrid: Iberoamericana, 2004. p. 201-213.

JON-AND, A. Concordância variável de número no SN no português L2 de Moçambique: algumas explicações sociais e linguísticas. **Revista de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola**, n. 2, p. 28-50, 2010.

LABOV, W. Some sociolinguistic principles. In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. (org.). **Sociolinguistics: the essential readings**. Oxford: Blackwell, 2003. p. 235-250.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LEMONS, D. M. **Português brasileiro e português angolano: variação na concordância nominal de número**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2014.

LOPES, N. S. **Concordância nominal, contexto linguístico e sociedade**. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.

LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (org.). **O português afro-brasileiro**. Salvador: Ed. da UFBA, 2009.

LUCCHESI, D. A diferenciação da língua portuguesa no Brasil e o contato entre línguas. **Estudos de Linguística Galega**, n. 4, p. 45-65, 2012.

MARTINS, F. S. Uma abordagem sociolinguística da concordância nominal de número no falar dos habitantes do município amazonense de Benjamin Constant. In: Encontro do CELSUL, 9., 2010, Palhoça. **Anais [...]**, Palhoça: CELSUL, 2010.

MARTINS, F. S. **Variação na concordância nominal de número na fala dos habitantes do alto Solimões (Amazonas)**. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

MOTA, M. A.; MIGUEL, M.; MENDES, A. A concordância de P6 em português falado. Os traços pronominais e os traços de concordância. **Papia: Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico**, v. 22, n. 1, p. 161-187, 2012.

NARO, A. J.; LEMLE, M. Syntactic diffusion. In: STEEVER, Sandord B. *et al.* (ed.). **Papers from the parasession on Diachronic Syntax**. Chicago: Chicago Linguistic Society, 1976. p. 221-241

NZAU, D. G. N.; VENÂNCIO, J. C.; SARDINHA, M. G. A. Em torno da consagração de uma variante angolana do português: subsídios para uma reflexão. **Limite**, n. 7, p. 159-180, 2013.

OLIVEIRA, M. S.; BAILO, J. P.; INJAI, B. F. A inserção do “contínuo português guineense” às variedades africanas do português. **Língua**, v. 15, n. 1, p. 130-137, 2013.



OLIVEIRA, K.; SOLEDADE, J.; SANTOS, V. S. Concordância nominal. *In:* LOBO, T.; OLIVEIRA, K. (org.). **África à vista**. Salvador: Edufba, 2009.

PETTER, M. M. T. Aspectos morfossintáticos comuns ao português angolano, brasileiro e moçambicano. **Papia: Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico**, v. 19, p. 201-220, 2009.

SCHERRE, M. M. P. **Reanálise da concordância nominal em português**. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Rio de Janeiro, 1988.

SEDRINS, A. P.; SILVA, C. R. T. Padrões de concordância de gênero e número no sintagma nominal em variedade africana do português. **Revista Leitura**, Maceió, v. 2, n. 59, p. 85-105, jul./dez. 2017.

SILVA, C. K. B. **Variação da concordância nominal em produção oral e escrita de alunos do ensino fundamental e médio de Belo Jardim-PE**: Assimetria entre fala e escrita? 2017. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.

